

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CARTAS DE LEITE DE VASCONCELOS A MARTINS SARMENTO.

(sem indicação de autor)

Ano: 1954 | Número: 64

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 64 (3-4) Jul.-Dez. 1954, p. 237-258.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento

(Continuação da pág. 22)

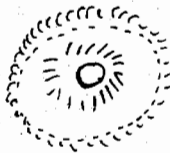
II.^{mo} e Ex.^{mo} S.^{or}

O Centenário ⁽²¹⁾ tem-me proibido de escrever primeiro a V. Ex.^a.

No correio de hoje tenho a honra de enviar a V. Ex. alguns trabalhos e peço a V. Ex. o obséquo de me acusar a recepção, porque, como não sei se está em Guimarães se em Âncora, fico em dúvida se os recebeu ou não.

Eu preguntei a V. Ex. se tinha encontrado *cabeças avulsas* por causa do seguinte:

Em volta do Sol e da Lua formam-se às vezes umas coroas luminosas, que a Óptica explica e a



que podem muito bem prender-se esses *círculos*

(21) Refere-se à celebração do Tricentenário da morte de Camões, em Junho de 1880. Nos festejos, realizados em 10 de Junho, tomaram os estudantes um papel de grande relevo; não admira portanto que Leite de Vasconcelos, então com 22 anos apenas, aluno da Escola Médica do Porto, andasse entusiasmado e absorvido com essas comemorações patrióticas.

concêntricos que aparecem por toda a parte. Resta explicar o raio.



O facto de V. Ex. dizer que na Citânia aparecem esses sinais em pedras ocultas na parede parece confirmar que eles representam um qualquer culto.

Muitos povos adoram o Sol na figura de uma cabeça avulsa. Nos reportórios vem sempre o sol e a lua como uma cabeça. Eu, em pequeno, pinteí o sol muita vez assim:



As coroas dos padres, as hóstias, as custódias, as cabeças aureoladas dos santos não são certamente senão o Sol. Nós temos, além disso, muitos outros vestígios do culto do Sol.

Foi o estudo de um fenómeno de Óptica apontado que, por meio de um desenho do livro, me suscitou a ideia de que os círculos concêntricos se poderão prender com o culto do sol ou da lua. Não sei se esta opinião já seria emitida por alguém⁽²²⁾. Eu desejava ouvir a de V. Ex.

Talvez não fosse sem proveito saber a posição das pedras que têm círculos concêntricos em relação aos astros.

(22) É antiga, e tratada por muitos autores, a interpretação das gravuras rupestres representando círculos concêntricos como figurações do Sol. Veja-se a ampla referência aos símbolos solares derivados da roda, no capítulo «La religion à l'Age du Bronze» do vol. II do *Manuel d'Archéologie* de J. Déchelette (Paris 1924, pág. 458, fig. 190).

Eu não posso estudar este assunto mais por agora. Só de aqui a um mês, ou mês e meio, é que estarei livre.

Anteontem recitei no Palácio de Cristal uma poesia, em presença do Tomás Ribeiro e de um público muito numeroso. Na 5.^a feira os estudantes fizemos uma festa de *matinée* literária no teatro de S. João. Hoje à noite vou assistir a outro sarau. Amanhã vou apegar-me aos livros até aos exames.

Queira desculpar-me estes incómodos.
Serão sempre muito gratas as notícias de V. Ex. ao

De V. Ex.
cr.^o mt.^o obg.^o

Porto,
R. de S. Victor 25
em 13-6-80

José Leite de Vasconcelos.

P. S.

Na festa do Palácio de Cristal também estava o Adolfo Coelho para falar; mas num dos intervalos foi passear ao jardim e caiu a um poço, de modo que não falou. Foi uma cousa engraçada.

Il.^{mo} e Ex.^{mo} S.^{or}

Tenho-me demorado em escrever a V. Ex., agradecendo o belo estudo que fez obséquio de me mandar ⁽²³⁾, porque tenho andado muitíssimo ocupado.

Os jugos cada vez me dão mais que cismar. Hoje encontrei na Biblioteca, num catálogo de moe-

(23) Referia-se certamente ao opúsculo *Os Lusitanos*, essa notável Memória sobre a etnologia dos Lusitanos, que Martins Sarmiento havia apresentado no ano anterior ao Congresso Internacional de Arqueologia e Antropologia pré-históricas, realizado em Lisboa.

das peninsulares, muitas representações de peixes, astros, etc., e um S que aparece muito nas cangas (24). Não sei se este sinal será simbólico, se numismático. Um dia destes hei-de lá ir comparar os sinais das muralhas com os dos alfabetos ibéricos (25). No número da *Revue Archéologique* correspondente a Abril de 1878 vem um artigo *Les sculptures de nos rochers*, por M. A. Martin. Valerá a pena vê-lo (26)?

Os autores portugueses e espanhóis dizem que os povos ibéricos, antes dos romanos, eram mono-teístas. O autor do livro das moedas que consultei também afirma isto. Mas nós, diante de Estrabão e das inscrições, não podemos dizer tal; não é assim?

A respeito das Deusas Mães, estive a procurar no Hübner as inscrições galegas que a elas se referem; mas não achei nada (27). Pedia a V. Ex. o especial obséquio de me dizer onde as viu, porque me convinha citá-las no meu artigo.

Do menino mouro — pagão e cristão, tenho encontrado umas alusões vagas. Que as crianças se chamam mouras antes de baptizadas, isso é positivo e muito positivo, com respeito à Beira-Alta. Em Cinfães chamam *almas pégans* aos pirilampos e mais luzinhas nocturnas.

(24) Neste ano de 81 publicou Leite de Vasconcelos um trabalho sobre a ornamentação das cangas, ao qual deu o título de «Estudo ethnographico a propósito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois nas províncias portuguezas do Douro e Minho» (Porto, 1881).

(25) Já na carta de 6-2-1880 (vide pág. 16 deste vol. LXIV) L. de Vasconcelos alude aos sinais (marcas de pedreiros) gravados nos muros do Castelo de Guimarães, que evidentemente nada têm que ver com os chamados alfabetos ibéricos.

(26) A. Martin, «Les sculptures de nos rochers et de nos monuments mégalithiques», in *Revue Archéologique*, Paris, 1878, tomo XXXV, págs. 243-250.

(27) As inscrições consagradas às *Matres*, registadas por Hübner no *Corpus I. L.* (vol. II e grande Suplemento a este volume), aparecidas na Espanha, têm os n.ºs 2128 (de Porcuna), 2764 (de Duraton), 2776 (de Coruña del Conde), 2848 (de Muro de Agreda) e 5413 (de Carmona).

No correio de hoje remeto a Revista Arqueológica, Céltica (n.º 1, do vol. 3.º) e Religiões Gaulesas, do Gaidoz (28).

O outro número ainda o demoro mais uns dias por causa das adivinhas. Se V. Ex. me puder dispensar o *Hercules e Caco* de Bréal, eu desejava tornar a lê-lo (29).

Cada vez gosto mais da *Revue Celtique*. É um belo jornal, sempre cheio de interesse. Encontrei nos livreiros de livros velhos de aqui uns alfarrábios sobre exorcismos, mas os patifes querem 500 réis por cada um, e outro quer 1.000 réis. Veja V. Ex. como isto é procurado — não para estudo, mas para os padres e curandeiros.

No papel adjunto vão umas notas a respeito de Guifões para V. Ex. ter a bondade de me dizer se aquilo é assim como eu lá digo, ou faz diferença. É por causa de uma nota a uma bibliografia de um livro do Carlos Ribeiro, para o *Pantheon* (30).

Tenho encontrado mais S. Levede (31).

Vi outro dia um amuleto esquisito, feito de um fruto estrangeiro, como castanha, encastado em prata e para trazer ao pescoço.

Como V. Ex. verá, neste n.º do *Pantheon* abrimos um boletim de notícias que interessa à Ciência.

(28) Refere-se a obras que Martins Sarmiento generosamente lhe emprestava. A *Revue Celtique*, então dirigida por Henri Gaidoz, foi começada a publicar em Maio de 1870. As «Religiões Gaulesas» eram o folheto de Gaidoz intitulado *Esquisse de la religion des Gaulois* (Paris, 1879).

(29) Michel Bréal, *Hercule et Cacus. Étude de mythologie comparée*. Paris, 1863.

(30) Infelizmente não se encontra na colecção dos autógrafos o papel avulso respeitante a Guifões, a que L. de V. se refere nesta carta. Ser-lhe-ia talvez devolvido por M. S. com as anotações que pedia.

O *Pantheon* era uma revista quinzenal de Ciências e Letras, cujo 1.º número safu em 15 de Novembro de 1880, terminando a sua publicação em Outubro de 1881. Eram seus redactores Leite de Vasconcelos e Montalverne de Sequeira, médico e escritor açoriano, formado pela Escola Médica de Lisboa, falecido em 1931.

(31) Vide nestas cartas outras referências ao levedar do pão, a págs. 12 e 19 deste volume LXIV.

Quando V. Ex. tiver por lá achado alguma inscrição, etc., e queira que ali se dê notícia dela era isso interessante — para haver variedade e importância nas notícias.

Por agora, não incomodarei mais a V. Ex. Sou com todo o respeito

De V. Ex.^a
am.^o cr.^o obgm.^o

S. Victor n.º 25 e
15 de Fev. 1881

José Leite de Vasconcelos

Il.^{mo} e Ex.^{mo} S.^{or} e

Meu prezado amigo:

Recebi competentemente o precioso estudo de V. Ex. sobre a *Ora marítima* que ontem devo-rei ⁽³²⁾. V. Ex. estava inspirado certamente, porque aquela interpretação parece a mais natural do mundo. Muito agradeço a oferta.

A pág. 46, o desaparecimento da *Pelagia insula* não se poderá explicar por estes mesmos versos:

Quatiatur ipsa et omne subsiliat solum
Alte intremescens ? ⁽³³⁾

Não seria o mar que a tragaria?

É notável o grande número de santuários que Avieno nos dá à beira-mar.

Comecei ontem a escrever a minha memoriazi-nha sobre as cangas ⁽³⁴⁾; mas como desejo abrir

⁽³²⁾ No fascículo 23 de *O Pantheon* (pág. 375) deu Leite de Vasconcelos uma análise crítica desta obra de M. Sarmiento, publicada em 1880. A 2.^a edição, refundida, safu em 1896.

⁽³³⁾ Sobre a *Pelagia insula* ou *Insula Saturni* do poema de Avieno (v. 164-171), que Schulten localiza na Berlenga, vide o comentário deste autor nas suas *Fontes Hispaniae Antiquae*, tomo I, Barcelona, 1922, págs. 58 e 86.

⁽³⁴⁾ Vide nota 24.

com um esbôço da história da agricultura no nosso território, preciso mais uma vez do auxilio de V. Ex. a respeito da agricultura pré-histórica. Que objectos tem V. Ex. encontrado nas explorações que tem feito, que me provem uns conhecimentos agrícolas?

Os moíños da Citânia, Sabroso e Guifões podem fazer admitir esse conhecimento; mas o que é certo é que Estrabão diz que os montanheseos lusitanos *glante vescuntur querna, siccata et contusa inde molentes, atque e farina panem conficientes* ⁽³⁵⁾, e aquelas mós bem podiam ser para bolotas e não para cereais.

V. Ex. parece-me que me disse aí uma vez que na Citânia apparecera um moinho composto de uma pia com um rebolo. Eu desejava saber isto com certeza, porque na minha terra usam-se iguais ⁽³⁶⁾.

Desculpe-me V. Ex. tantos e tão repetidos incómodos.

Segundo vi na *Revista da Sociedade de Instrução*, o Hübner anda a escrever um 3.º art.º sobre a Citânia ⁽³⁷⁾.

No correio de anteontem remeti a V. Ex. os 2 primeiros n.ºs do *Pantheon*. Também já deve ter

⁽³⁵⁾ Estrabão, *Geografia*, Liv. III, Cap. 3, 7.

⁽³⁶⁾ É frequente o achado desses trituradores do tipo neolítico, a que se refere L. de V., em muitas das ruínas dos nossos castros. Não admira que eles ainda existissem nos tempos romanos, juntamente com as mós redondas manuais, pois os trituradores daquela espécie primitiva ainda hoje estão em uso em diversas regiões do nosso País: por exemplo, na freguesia de Ucanha, do concelho de Tarouca, terra da naturalidade de L. de V., onde ele os conheceu, como diz nesta carta. Também nós os vimos na região de S. Pedro do Sul, empregados para triturar o milho destinado à confecção das chamadas *carolas*, nome ali dado às papas de farinha de milho grosseiramente moído.

⁽³⁷⁾ A noticia é de Joaquim de Vasconcelos, e vem a pág. 108 do n.º 3 da *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, que foi publicada desde 1881 a 85. Emílio Hübner escreveu, de facto, três artigos sobre a Citânia de Briteiros: o primeiro intitulado «Citânia», na *Archeologia Artistica*, Porto, 1879, vol. I, fasc. V; o segundo intitulado «Citânia. Alterthümer in Portugal», que publicou na Rev. *Hermes, Zeitschrift für classische Philologie*, Berlim, 1880, pág. 49 ss.; e o terceiro, nesta mesma revista alemã (1880, pág. 597 ss.), sob o título «Citânia. Weitere Alterthümer aus Portugal».

recebido o 8.º. O 9.º andamos a arranjá-lo. Muito agradeço a promessa que me faz de novo art.º de V. Ex. (38).

Ando agora muito aflito, porque meu Pai está seriamente doente.

Estive cá com os Ex.ªs Srs. Condes de Margaride (39). Foram para Lisboa.

Sem mais, sou respeitosamente

De V. Ex.

cr.º am.º adm.º or obg.º

Porto,
7 de Março 81.

J. Leite de Vasconcelos

A capela de Santa Luzia é no Monte Dor? (40)
A um germanista seria fácil a identificação de Thor e Dor.

Il.º e Ex.º S.º e

Meu prezado amigo: (41)

Tenho andado estes dias a preparar-me para o acto de Zoologia que fiz ontem, e do qual fiquei bem, e por isso tenho faltado ao dever de lhe escrever. V. Ex. me desculpará.

O *Pantheon* saiu mais tarde, isto é, foi distribuído mais tarde, pela ausência do meu colega (42); mas V. Ex. deve recebe-lo quando a esta.

(38) Martins Sarmiento publicou três artigos n' *O Pantheon*. Um deles em 1880, intitulado «Observações acerca do Vale do Âncora»; dois outros em 1881: «O que podem ser os mouros na tradição popular» e «A estátua do Pátio da Morte».

(39) Vide nota 13.

(40) O Castro de Montedor, freguesia de Carreço, no Concelho de Viana do Castelo, é citado por Martins Sarmiento no seu artigo «A propósito de castros», publicado n' *O Panorama Contemporâneo*, Coimbra, 1883-84, 1.º ano, págs. 9, 17 e 25.

(41) Esta carta está escrita em papel tarjado de preto. Sinal de luto, talvez por falecimento do pai, a cuja grave doença alude no final da carta anterior.

(42) O colega de L. de V. na redacção de *O Pantheon* era, como disse, Montalverne de Sequeira. (Vide nota n.º 30).

O n.º seguinte vai aumentado, pelas razões expostas na capa. Eu sei que V. Ex. agora anda pouco disposto para se abancar; contudo se tiver vagar para fazer um artigo, ainda que pequeno, eu estimava-o. Mas, não se incomode V. Ex. muito. V. Ex. tem pescado muita truta (43)?

Soube ontem um verbo curioso:

Ruivas ao Nascente

Desapõe os bois e foge sempre.

V. Ex.^a não saberá destas coisas que se dizem das terras, ex.:

Coimbra
coisa linda

Pesqueira
Linda roseira

..... Guimarães
(não sei quê de) cães. (44)

Ervedosa
Porca ranhosa.

Livra-me do Judeu
E do homem de Viseu
.....?
.....?

Mas o braguês

Vale por todos 3.

E lá vem o Porto com seu contrato } Mais moderno?
Que vale por todos 4.

(43) À data desta carta (Julho de 1881) estava Martins Sarmento na sua Casa da Ponte, em S. Salvador de Briteiros, onde costumava passar os meses de Junho e Julho, que aproveitava para dirigir as suas escavações na Citânia. Nas horas vagas era seu entretenimento predilecto a pesca à linha. Em notas biográficas que dele traçou diz José Sampaio na *Revista de Guimarães* (vol. I, 1884, pág. 51): «Nos seus tempos românticos era (*Sarmento*) caçador de perdizes. Deixou-se disso: agora prefere a mansidão dos regatos, onde pesca trutas com notavel felicidade; é um amador exímio da pesca à linha».

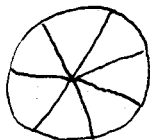
(44) O dito popular é: *Guimarães, esfola gatos e mata cães.*

Ando a fazer uma colecção de adágios, e quero incluir isto tudo no fim. Eu faço estas divisões:

- 1.º adágios morais;
- 2.º » meteorológicos;
- 3.º » domésticos;
- 4.º » das épocas do ano; este grupo compreende alguns dos outros, mas destaca-se muito bem, e a divisão que dou é só para comodidade.
- 5.º simples ditados. Ex. *Nem tudo o que luz é ouro.*
- 6.º características de terras.

Vim por Braga, quando vim de aí; procurei o Caldas ⁽⁴⁵⁾, mas não estava em casa. Estou morto pelo fim do Julho, que é também o fim dos meus trabalhos deste ano.

Disseram-me que ao pé da Torre de Leça do Balio havia numa parede uma pedra pouco mais ou menos assim:



Hei-de ir ver.

Prometeram-me uma pedra de raio de nova espécie; pelas informações é uma arma de pedra pré-histórica; mas não ma darão já já, porque o rapaz é de Lisboa, e ainda cá está no Porto.

(45) Referia-se ao Dr. José Joaquim Pereira Caldas, antigo professor do Liceu de Braga, falecido em avançada idade em 1903. Era natural de Vizela e um cultor apaixonado das antiguidades nacionais. Publicou numerosos folhetos sobre arqueologia, epigrafia, etc. Contudo, muitos dos seus trabalhos não merecem inteira confiança, por falta de um verdadeiro espírito crítico com base científica. O seu estilo literário era prolixo e enfático. Foi contudo um estudioso de certo mérito.

Não posso ser mais extenso.

Peço os meus recados para a Ex.^{ma} Esposa de V. Ex.

Fiz aí um pequeno poemeto à Citânia, que só aqui emendei e passei a limpo. Brevemente o envio publicado talvez em folhetim ⁽⁴⁶⁾.

Já saiu o n.º 9 da *Era-Nova*, mas não traz adivinhas nenhuma; creio que sairão no n.º 10 ⁽⁴⁷⁾.

Quando receber esta, deve V. Ex. ter recebido o folheto que eu prometi a V. Ex. do O. Martins.

O Gomes Leal está preso, por causa do folheto *Traição* ⁽⁴⁸⁾.

Sou

De V. E.
am.º cr.º obg.º

Porto, S. Victor,
5 de Julho 81.

José Leite de Vasconcelos

P. S.

Na 4.^a feira passada mandei para Vannes o Ms. Guardei o trabalho todo da cópia para aquele dia, de modo que estive desde as 8 horas da manhã até às 3 da tarde a escrever sem descanso. Já há muito não tive um tal trabalho a seguir.

Assim que V. Ex. receber alguma notícia, seja qual fôr, muito estimava conhece-la.

J. L. V.

(46) O poemeto intitulado *A Citânia* foi publicado nesse ano de 1881. Leite de Vasconcelos dedilhava a lira da Poesia, por esta época, procurando conciliar o culto das Musas com a sua já bem marcada predilecção pela austera severidade dos estudos científicos. Algumas das suas composições poéticas publicadas n' *O Pantheon* tem os sugestivos títulos de— *A Astronomia*, *A Matemática*, *O homem pré-histórico*, etc. Não foi, porém, o culto da poesia que imortalizou o nome deste sábio de renome universal.

(47) *Era Nova*, intitulava-se um periódico de Lisboa, começado a publicar em 1880, dirigido por Teófilo Braga e Teixeira Bastos.

(48) A prisão do grande poeta Gomes Leal, em consequência da publicação de *A Traição* e de *O Herege*, que em Julho de 1881 anunciara em cartazes, pelas esquinas, muito contribuiu para atrair a atenção do público para o seu nome, e dar-lhe celebridade.

Ex.º Am.º S.ºr (49)

Tenho andado ocupado com o meu acto de Anatomia, do qual porém fiquei *nemine*, felizmente, e por isso não me tem sido possível escrever a V. Ex.^a.

Muito agradecido pelo que me promete arranjar de linguagem popular do Barroso, etc., e, satisfazendo ao desejo de V. Ex.^a, incluso remeto um pequeno questionário (50).

O Conde de Puymaigre a quem eu tinha feito uma crítica na *Rev. da Soc. de Instr.* escreveu-me agradecendo-a e enviando-me um *Romanceiro* (51). Também agora tenho relações muito íntimas com alguns folcloristas de Andaluzia.

Fui ontem a Gaia ver o museu do Azuaga (52), e encontrei lá, entre vários machados pré-históricos de bronze e de pedra, dois formidáveis, de pedra polida, muito bem conservados: tem um 1 palmo

(49) Esta carta não tem data, mas é de meados do ano de 1882, em que fez o acto de Anatomia, ao qual aqui alude. L. de V. formou-se em 1886, e em Maio de 1887 foi nomeado Sub-delegado de Saude para o Cadaval.

(50) O questionário, a que L. de V. aqui alude, não se encontra junto da sua correspondência para M. S. Certamente lhe teria sido devolvido pelo erudito vimaranense, com as respostas ao mesmo.

(51) Conde Teodoro José Boudet Puymaigre, escritor francês falecido em fins do século XIX. Tornou-se particularmente notável pelos seus estudos dos romances da Lorena, de Itália, de Espanha e de Portugal. Associando-se às comemorações do Tricentenário de Camões, publicou nessa ocasião a obra intitulada *Romanceiro, choix de vieux chants portugais, traduits et annotés*. Paris, 1880 (Vol. II da «Collection de chansons et de contes populaires»).

A crítica a que L. de V. se refere nesta carta foi publicada no fasc. 4 do 2.º ano da *Rev. da Soc. de Instrução do Porto*, referente a 1 de Abril de 1882, sob o título de «Romanceiro Português».

(52) Hoje Museu Municipal de Azuaga, em Vila Nova de Gaia, fundado por Marciano Azuaga, que foi chefe da estação do Caminho de Ferro daquela Vila, e por ele doado à Camara Municipal. Possui este Museu alguns objectos arqueológicos de valor e muitos outros relativos à Etnografia, Zoologia, Mineralogia, artigos coloniais, etc.

e 2 polegadas, outro 1 palmo e 3 polegadas. Não são grandes? ⁽⁵³⁾ Hei-de levar ao museu um rapaz meu amigo que desenha, e depois mandarei a V. Ex. os desenhos.

Já recebi a *Romania* (de Janeiro) ⁽⁵⁴⁾ e a *Rev. des langues romanes*. Esta última é muito inferior à 1.^a.

Há dias mandei a V. Ex. os programas da minha *Biblioteca*. Recebeu?

De V. Ex.
cr.^o at.^o obg.^o

J. Leite de Vasconcelos

V. Ex. tem este livro: Schleicher: *Teoria de Darwin. Da import. da linguagem?*

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or} ⁽⁵⁵⁾

Muito obrigado pelas informações de V. Ex. e pelas cartas. O art. do Ad. Coelho saiu no *Jornal do Comércio* de 3.^a feira, 28 do corrente ⁽⁵⁶⁾. O meu

⁽⁵³⁾ O Museu da Sociedade Martins Sarmiento possui também alguns instrumentos de pedra polida (espécie de picaretas de secção circular) de grandes dimensões: dois são procedentes de Cristelo (Felgueiras), com 19,3 cm e 30 cm de comprimento; outro de Monte Córdova (S.^{to} Tirso) de 34,5 cm. Dois dos maiores exemplares achados em Portugal encontram-se no Museu de Beja, procedentes de Aljustrel, com 1,^m02 e 0,^m90 respectivamente. Um de S. Tiago de Cacém, tem 0,^m85 de comprimento. Exemplares oscilando entre 35 a 50 cm existem ainda nos Museus da Figueira da Foz, Etnológico de Belém e do Inst. de Antropologia da Univ. do Porto. Vide Manuel Heleno, «Notícia de alguns instrumentos neolíticos de grande comprimento» (*O Arch. Port.*, XXIX, pág. 170).

⁽⁵⁴⁾ *Romania*, revista trimestral francesa consagrada ao estudo das línguas e literaturas românicas, publicada em Paris por Paul Meyer e Gaston Paris.

⁽⁵⁵⁾ É um bilhete postal sem data. Mas, pelos carimbos do correio, vê-se que foi expedido do Porto em 3-12-1882 e recebido em Guimarães em 4.

⁽⁵⁶⁾ A expressão «28 do corrente», aqui empregada por L. de V., foi lapso, porquanto o bilhete postal é indiscutivelmente de 3 de Dezembro. Queria referir-se por certo a 28 do mês anterior.

estudo sobre o mir. está no prelo ⁽⁵⁷⁾. Primeiro tinha intenção de o publicar no *Positivismo* ⁽⁵⁸⁾, para fazer tiragem à parte, mas como não podia ir todo de uma vez, dei-o ao meu editor, que o mandou ontem para a imprensa. Deve deitar umas 30 págs. A propósito falo de todos os dialectos portug. e espanhóis. Espero que esteja pronto antes do Natal. Tenho recebido cartas e folhetos dos principais glotólogos e folcloristas: Koehler, Liebrecht, G. Paris, H. Schuchardt, E. Monaci, J. Cornu, etc. ⁽⁵⁹⁾. Assim poupo algum dinheiro na compra de livros, porque troco. No fim do ano lectivo espero fundar uma *Revista Lusitana* bimensal ⁽⁶⁰⁾, para o estudo da mitol., trad. populares, e línguas de Portugal e Galiza desde as

⁽⁵⁷⁾ Estudo a que deu o título de *O dialecto mirandês*, publicado ainda nesse ano de 1882. Em 1884 publicou as *Flores Mirandesas* (poesias em dialecto mirandês). Em 1900-901, *Estudos de filologia mirandesa*.

⁽⁵⁸⁾ *O Positivismo*, revista de carácter filosófico publicada no Porto por Teófilo Braga e Júlio de Matos, desde Outubro de 1878 a Dezembro de 1882.

⁽⁵⁹⁾ Vê-se que Leite de Vasconcelos, ainda estudante, então apenas com 24 anos de idade, já mantinha estreitas relações intellectuais e científicas com muitos dos principais filólogos desse tempo, tais como Ernesto Monaci, italiano, falecido em 1919, prof. da Fac. de Letras e reitor da Universidade de Roma, que tão notáveis estudos deixou sobre a época trovadoresca de Espanha e Portugal e foi sócio da nossa Academia das Ciências. Pelos seus trabalhos, especialmente com a publicação integral, em 1875, do *Cancioneiro da Vaticana*, e, em 1880, dos inéditos do *Cancioneiro Colocci Brancuti*, tornou-se um verdadeiro benemérito das Letras portuguesas. Gaston Paris, erudito e notabilíssimo filólogo francês, Prof. do Colégio de França, falecido em 1903, o qual na sua *Histoire Poétique de Charlemagne*, publicada em 1865, destacou a influência portuguesa nas gestas carolíngias francesas, e publicou também um trabalho sobre a *Língua Portuguesa*. Os filólogos alemães Schuchardt, falecido em 1927, e Julius Cornu, que por várias vezes visitou Portugal, e, entre as suas numerosas publicações, deixou um notável estudo sobre *Die portugiesische Sprache*. E tantos outros homens de Ciência, da segunda metade do séc. XIX, que, ao estabelecerem contacto com o nosso País, tiveram ocasião de reconhecer os altos méritos do jóvem estudioso que então era L. de V.

⁽⁶⁰⁾ Sòmente em 1887 conseguiu fundar a *Revista Lusitana*, a mais notável Colectânea de estudos de etnografia e de filologia portuguesas que se tem publicado no nosso País.

eras mais remotas até hoje. Tenho um plano que não deve falhar, e que convirá ao editor e a mim. Mas por ora a cousa é apenas sabida de 3 ou 4.

J. L. V.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Neste correio lhe remeto um pequeno artigo escrito por mim em castelhano sobre folclore galego.

Com o interesse que todos os artigos de V. Ex.^a me despertam, li a continuação dos *Materiais de Arch.* no último n.^o do *Tirocínio* ⁽⁶¹⁾.

Queria ver se justificava uma etimologia que tenho para *Citânia*, mas para isso precisava saber quais as formas com que ela aparece em todos os AA. port. (o nome nos AA. latinos é fabula?). Não me disse V. Ex. que as ruínas de Paços de Ferreira eram *Citânia*? Num mapa geogr. vem ao pé de P. de Ferreira o monte de *Sitânia*; provavelmente é *Citânia* ⁽⁶²⁾. Precisava saber também quantas *Cividades*, *Cividades*, etc., conhece (e o que são: montes, campos, etc.).

O castelhano *ciudad* não provém de contracção como V. Ex. diz ⁽⁶³⁾: o *u* é uma dissolução do *v* em

⁽⁶¹⁾ O *Tirocínio* era um pequeno jornal de Barcelos onde Martins Sarmiento colaborou em 1883, com vários artigos intitulados «Materiais para a Archeologia da Comarca de Barcelos», que mais tarde, em 1894-95, reeditou na *Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes*, (vol. III, n.^{os} 10 e 12) órgão da Sociedade Carlos Ribeiro, fundada no Porto por Ricardo Severo e Rocha Peixoto.

⁽⁶²⁾ Refere-se à *Carta Geográfica de Portugal*, levantada por A. Pery, C. da Costa e G. Pery, na escala de 1:500.000.

⁽⁶³⁾ Martins Sarmiento havia escrito no *Tirocínio*, a propósito da origem etimológica do termo «Citânia» o seguinte, que na presente carta lhe foi contestado por L. de V.: «Próximo da Guardia (Galiza) há um lugar chamado *Cividades*, e a povoação actual teve, sem dúvida, o seu primitivo assento num castro que lhe fica sobranceiro. É daí que ela trouxe também o nome que hoje conserva? Se *Cividades* não é um adjectivo, e parece que não, podendo afirmar-se que o *d* é

contacto com consoante, como há mais exemplos (*civitatatem* * *civ'tatem*); além disso **Ciutanes* também ficava longe de *Citânia*; caminho mais direito era *Ci(vi)tanés* com a síncope de *vi*, como *cidade* [= *ci(vi)dade*], *cidadão* [= *ci(vi)tatanus*], *cidadela* [= *ci(vi)tatela*]; em Du Cange há *citatella* e *civitatella*, de onde *cidadelhe* (o *e* final ou provém de um facto fonético, não único, *a=e*, ou de um paralelismo com o *e* final de *cidade*).

Conhece muitas *Cidadelhes*? e que são?

Estou morto por que as aulas terminem, para me atirar aos meus estudos predilectos. Tenho outro dialecto (o açoriano) tão bem caracterizado como o mirandês; e ando na cata de outro num pequeno povo da Beira. (64)

Sem mais, sou com estima

De V. Ex.^a
cc.º am.º obg.º

Porto,
S. Victor 25
2 Maio. (65)

José Leite de Vasconcelos

um abrandamento de um *t* mais antigo, *Cividanes* está por *Civitanes*, e vai-se aproximando de *Citânia*. A aproximação mais estreita seria, se em *Civitanes* se desse a contracção que se deu em *Ciudad* (de *Cividade*), porque então teríamos *Ciutanes*».

(64) Sobre os Açores publicou, em 1926, *Mês de Sonho* (*Conspecto de Etnografia Açórica*), resultado das notas sobre etnologia, etnografia, folclore e linguística, que recolhera durante a sua digressão por aquele nosso arquipélago, quando em 1924 acompanhou a missão jornalística que ali foi em visita.

Sobre a Beira escreveu *Linguagem popular portuguesa. Dialectos beirões — 1884: I, Linguagem popular de Monte Novo; II, Linguagem popular de Castelo Rodrigo; III, Uma particularidade fonética; IV, Linguagem popular da Mata; V, Linguagem popular de Taboço; VI, Duas escavações, 1) Linguagem Montemuro e 2) Linguagem de Palmás.*

(65) Esta carta não menciona o ano em que foi escrita, mas pelo assunto da carta imediata, que se liga inteiramente ao de esta, vê-se que é de 1883.

Ex.º Am.º e Sr.º

Estranhei que a minha carta o ofendesse, quando eu usei para com V. Ex. da mesma franqueza de que V. Ex. costuma usar para comigo, e que eu sempre estimei ⁽⁶⁶⁾.

Agradeço porém as informações que fez favor de me dar.

Pelo que respeita à catequese sobre a alquimia de dissolução, a seu tempo responderei convenientemente. Então veremos quais são na verdade os alquimistas ⁽⁶⁷⁾.

Tenho boas esperanças de fundar a *Revista Lusitana* ⁽⁶⁸⁾, o que por ora, porém, ainda é segredo. Desde já conto com a colaboração de V. Ex.

Sou com estima

De V. Ex.
cr.º am.º obg.º

5 Maio/883

José Leite de Vasconcelos

(66) Por estas palavras se depreende que Martins Sarmiento não havia aceitado bem a discordância de L. de V. expressa na carta anterior, a propósito da opinião do sábio vimaranense sobre a formação etimológica da palavra «ciudad». Acerca desta discussão vide Mário Cardoso, «A origem da palavra *Citânia* comentada por Martins Sarmiento, Leite de Vasconcelos e Adolfo Coelho», in *Rev. Petrus Nonius*, do Grupo Português da História das Ciências. Lisboa, 1943, vol. VI, pág. 10 e ss.

(67) Refere-se L. de V., neste passo, à sua afirmação feita na carta anterior, de que o *u* de *ciudad* provém de uma dissolução do *v* de *civitem* * *civ'tatem*, em contacto com consoante. Sarmiento fez por certo ironia do fenómeno linguístico denominado *dissolução*, e alcunhou os filólogos de «alquimistas»...

(68) Vide nota n.º 60.

—Meu Ex.^{mo} Am.^o (69)

Muito obrigado pela sua última carta a que não tenho tido tempo de responder. Remeti, quando prometi, os três exemplares do Soajo (70). Recebeu? Se eu soubesse que o abade do Soajo era capaz de me mandar informações, mandava-lhe também um dos folhetos, ainda que a tiragem foi muito deminuta. Folgo bem com a nova inscrição achada. Se eu fundar em Agosto, como espero, a minha revista (71), lá a pode V. Ex.^a publicar, bem como a outra, de Ronfe, etc. (72), o que eu até muito estimarei.

Não sei se V. Ex.^a leu no *Boletim da Soc. de Geogr.* de Lisboa, do ano passado, uns art. sobre arqueologia alentejana, nos quais vem umas inscrições novas sobre *Endovellico* (73). O Alentejo é uma mina em qualquer ramo das ciências históricas.

Li os art. de V. Ex.^a no *Tirocínio* (74). Há um *Pègarinhos* também em Trás-os-Montes (75). Não

(69) É um bilhete postal sem data. Pelo carimbo dos correios verifica-se porém que é de 12 de Junho de 1883.

(70) Alusão ao folheto que publicou em 1882, em Barcelos (Tipografia do Tirocínio), intitulado *Uma excursão ao Soajo*. Essa excursão, durante a qual L. de V. colheu diversas notas etnográficas e folclóricas interessantes, foi realizada na companhia de Martins Sarmento.

(71) Referia-se à *Revista Lusitana*, que só veio a ter início em 1887 (Vide nota 60).

(72) A inscrição da freguesia de Ronfe (Guimarães) figura actualmente no Museu da Soc. Martins Sarmento. É uma ara consagrada a DVRBEDICVS, divindade indígena pré-romana. Foi encontrada na torre da Igreja paroquial daquela freguesia, em 1881 (Vide Mário Cardozo, *Catálogo da Secção epigráfica do Museu da Soc. M. S.*, Guimarães, 1935, pág. 23).

(73) O artigo intitula-se «O Deus Endovellico dos Celtas do Alentejo». Comunicação à Soc. de Geogr. de Lisboa, pelo P.^e Joaquim José da Rocha Espanca. Foi publicado nos n.^{os} 4 e 5 da 3.^a série do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1882, a págs. 253 ss. e 274 ss.

(74) Vide nota 61.

(75) Num dos artigos citados na nota anterior aludia Martins Sarmento a uma fonte antiga chamada do «Pègarinho», junto das ruínas de um monumento existente no Monte da Saia, em Barcelos, ao qual o povo deu o nome de «Forno dos Mouros». Esse monumento arqueológico é hoje propriedade da Soc. M. S. (Vide Mário Cardozo, *Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento*, Guimarães, 1950, págs. 86 ss.).

creio que este nome tenha nada com *Pégaso*. Mais facilmente podia vir *Pegas*, do latim *pege*, que significa *fonte*. Mas isto fica para a outra vez.

De V. Ex.^a
am.^o obg.^o

J. L. V.

Ex.^o Am.^o e S.^{or}

Saí do Porto mais cedo do que esperava (dia 18) e foi por isso que não fiz a V. Ex.^a, a projectada visita ⁽⁷⁶⁾.

Como disse a V. Ex.^a, vim com tenção de estudar o dialecto mirandês; efectivamente corri uma parte da *terra de Miranda* e não perdi o meu tempo, porque além de muitos factos que recolhi na língua e de mais de 30 romances populares, achei 5 inscrições romanas que passo a transcrever:

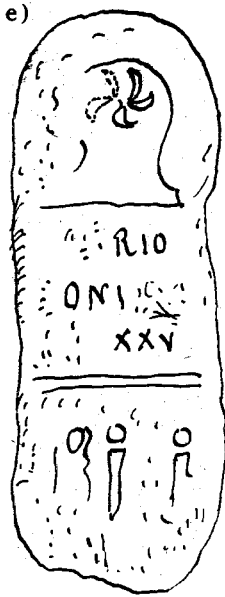
- | | | |
|----|--|--|
| a) | 1. SILVIAE CALVI
NAE · AI · XXVIII
ET · C · SILVIOAINI
SILVIVS CALVINVS
5. FILLÆ ET NEPOTI | <i>Silvio Calvino (consagra)
a (sua) filha Silvia Calvina,
de 28 anos, e a seu neto
Caio Silvio, de 1 ano.</i> |
| | | Achado num palheiro de
Duas-Igrejas ⁽⁷⁷⁾ . |
| b) | ANNIO/////////
SILVANO/////////
8. AN L · ANN/////
VS · RUFINVS
10. PATRI | <i>Annio Rufino (consagra)
a (seu) pae Annio Silvano,
de 50 anos.</i> |
| | | Achado num curral, id. |
| c) | 11. SILVANO ·
APILICI · F | <i>A Silvano, filho de Apilico</i> |
| | | Na parede da casa do
pároco, id. |

⁽⁷⁶⁾ Em Agosto e Setembro de 1883 encontrava-se Martins Sarmento na Póvoa de Varzim. Esta carta de L. de V. é dirigida de Favaio, freguesia do concelho de Alijó, por onde então ele andava, na cata de elementos de estudo para os seus trabalhos predilectos.

⁽⁷⁷⁾ Existem diversas localidades com este mesmo topónimo *Duas Igrejas* nos concelhos de Paredes, Penafiel, Vila Verde e Feira. L. de V. alude aqui à freguesia com este nome, do concelho de Miranda do Douro.

(8) Na inscrição, a perna do N de *Annius* está prolongada; não sei se será da pedra (e o *i* estará sumido), se representará o *i. V. Ex.^a* dirá se conhece factio análogo, porque aqui não tenho livros.

- d) SILVIO · SILVANO *Silvio Calvo (consagra) a (seu)*
 ANN · XXV · *irmão Silvio Silvano, de 25 anos.*
 15. SILVIVS · CALVVS
 FRATRI Num curral, id.



Esta última que, como parece, é também romana, estava a tapar um túmulo de pedra, desses que parecem pias. Diz o homem que a possui que, quando a acharam, se lia bem ValeRIO. Na 3.^a linha estava, parece, a idade. Creio que é muito importante por causa da espiral, que é análoga às da Citânia, não é? ⁽⁷⁸⁾.

V. Ex.^a me dirá se está de acordo com as traduções que dou. A inscrição *b* custou-me muito a decifrar, por estar pouco legível, e foram precisos os tais *olhos da fé* de que V. Ex.^a fala; mas não há dúvida que está exacta. É notável a repetição da palavra *Silvio* e *Silvano*; foi família importante de ali. Ainda procurei mais, mas não achei. Falaram-me numa que estava

numa quinta; fui lá, rasguei um casaco novo e um guarda-pó, mas afinal era portuguesa.

Escrevo-lhe de Favaios, onde estou desde 2.^a feira e me demoro até à 2.^a feira próxima. Há aqui uns estudantes meus amigos que têm uma sociedade académica onde fizeram uma festa literário-musical, em

(78) Não se trata, no caso citado, de uma espiral propriamente dita, mas de um suástica flamejante, símbolo muito vulgar nas lápides sepulcrais lusitano-romanas.

que também entrei fazendo uma palestra sobre a ciência da linguagem; é conveniente espalhar estas ideias pelo público, e fiquei satisfeito porque o público não desgostou, e tem-me auxiliado muito nos meus estudos. Ontém fomos mais de 12 ler uma inscrição que está numa igreja em ruínas: vi-me parvo para a ler, mas, à excepção da última palavra, li-a toda: é do séc. 13, numa caligrafia que lembra uma que há em Viana; e é portug. e traz algumas fórmãs de linguagem curiosas, uma pelo menos, que, a não haver erro do artista, é importante *son* (= *seu*. cfr. fr. *son*).

Aqui perto há uma *Cêrca dos Mouros* (castro) murada; fui lá, mas só achei fragmentos de vasos com uma singela ornamentação linear; as muralhas estão em ruínas e são muito largas; algumas pedras são muito polidas; também lá vi uma pedra com um buraco; parece cunhal de porta. Um proprietário daqui prontificou-se a mandar lá o criado cavar: não sei se valerá a pena. Ao pé há um souto chamado o *Crasto*. Perto, num cemitério, achei muitos tijolos romanos (quadrados e os tais com beira); dizem-me que apareceu um tijolo com um símbolo, mas desapareceu. Têm aparecido muitas moedas romanas: deram-me anteontem uma.

Eis o resultado das minhas investigações arqueológicas, que eu tenho feito com o fim de não deixar perder, e não porque eu me dedique a isto, como V. Ex.^a sabe.

V. Ex.^a me dirá a sua opinião sobre a inscrição *c*. Pode-me escrever para Guimarães⁽⁷⁹⁾, e pôr na carta em casa do Ex.^{mo} S.^{or} Conde⁽⁸⁰⁾, porque pode ser que a carta chegue lá antes de mim, pois de aqui vou ainda por Baião. Estou em Guimarães até ao dia 29 de Setembro.

Tenho feito uma viagem agradável posto que incômoda; andei 16 léguas em cima de uma burra por serras e ladeiras, dormindo em tabernas, etc.

(79) Martins Sarmiento encontrava-se então na Póvoa de Varzim, como se disse (vide nota 76).

(80) Vide nota 13, a pág. 16 deste vol. LXIV da *Rev. de Guimarães*.

A qualquer taberna que chegávamos reuníamos logo mulheres, velhos, crianças, e começava a colheita dos romances, lá chamados *romances* e *jacras* (= *xacras*)⁽⁸¹⁾.

Estive na cidade de Miranda, que é uma cidade muitíssimo reles.

A gente transmontana é hospitaleira e boa. Aqui onde estou, a terra é muito bonita, pelo sítio.

Sem mais, sou com estima

De V. Ex.^a
cr.º am.º obg.º

P. S.

Quando vem a Guimarães?

Favaios,
em viagem,
8-9-83.

J. Leite de Vasconcelos.

(Continua)

(81) *Xácara*, palavra derivada do árabe *sácara*, que significa narrativa popular em verso.